



ELEIÇÃO EM PORTUGAL/O socialista António José Seguro massacra rival extremista e leva a esquerda de volta à presidência após 20 anos, com plataforma moderada e apoio dos políticos tradicionais do centro e da direita clássica

Rejeição barra a extrema-direita

Patricia de Melo Moreira/AFP



O presidente eleito comemora a vitória impositiva em meio aos simpatizantes do PS, em Lisboa: “Orgulhoso da nossa nação”

Filipe Amorim/AFP



André Ventura, do Chega: “Vou liderar a direita”

Nem as tempestades das últimas semanas, nem a abstenção na casa de 50% impediram que os eleitores portugueses confirmassem ontem, nas urnas, aquilo que as pesquisas de opinião apontavam, de maneira categórica, desde o primeiro turno das eleições presidenciais em Portugal: António José Seguro, do Partido Socialista, ancorado no apoio declarado ou silencioso de quase todo o espectro político, venceu de maneira categórica o candidato da extrema-direita, André Ventura, do Basta. Apurados 95% dos votos, Seguro se consagrou com quase 66,7% (dois terços dos votantes), contra 33,3%. Números consistentes com a rejeição de 60% ao rival, embora o discurso anti-imigração tenha feito de sua legenda a segunda força do Parlamento, nas legislativas de 2025.

“A resposta que o povo português deu hoje, o seu compromisso com a liberdade, a democracia e o futuro do nosso país, deixa-me, naturalmente, comovido e orgulhoso da nossa nação”, disse o presidente eleito aos jornalistas, em meio às comemorações no comando de campanha socialista. Identificado com a ala mais moderada do partido, Seguro lançou mão da longa experiência política para se colocar com precisão na disputa mais crucial das últimas décadas — a primeira, desde 1986, decidida no segundo turno. Atraiu o apoio do centro e até mesmo de parte da direita clássica, e mesmo o primeiro-ministro Luís Montenegro, conservador e adversário frontal, limitou-se a não declarar o voto para a votação decisiva.

A esquerda volta a ocupar a presidência, depois de 20 anos, em uma conjuntura que espelha as incertezas vividas na Europa, em meio à ascensão de forças de extrema-direita em alguns dos principais centros políticos do continente. Na Itália, pertence a esse campo a primeira-ministra Giorgia Meloni, à frente de uma coalizão de direita. Na França, a Reunião Nacional, de Marine Le Pen, detém a maior bancada da Assembleia Nacional, embora siga na oposição. Na Alemanha, uma legenda com traços neonazistas é hoje a principal força de oposição ao governo de coalizão entre democratas-cristãos e social-democratas.

Personagem da notícia

O senso agudo do momento

» SILVIO QUEIROZ

Os amigos e correligionários mais próximos chamam de “Tozé” o presidente eleito de Portugal. Mas o apelido afetuoso jamais se tornou marca registrada do político que, ao longo da carreira, preferiu sempre a discrição e a militância cotidiana aos holofotes. António José Seguro chega ao ápice da trajetória, a um mês de completar 64 anos, em um momento que parece ter sido construído para ele — mas quem o conhece e acompanha enxerga, na vitória consagrada de ontem, a receita clássica do “homem certo no lugar e no momento certos”.

Seguro é um português típico do interior, nascido em Penama-

cor, cidade pequena da região central do país, na fronteira com a Espanha. Mas foi na capital, Lisboa, que se formou em ciência política e relações internacionais. E ali seu caminho se cruzou com o do Partido Socialista, que tinha como figura de proa seu líder histórico, Mario Soares, ex-primeiro-ministro e então presidente da República.

Mas foi sob a influência do hoje secretário-geral da ONU, António Guterres, que começou sua escalada nas fileiras do partido. Dirigente da Juventude Socialista entre 1990 e 1994, elegeu-se deputado em 1991 e passou a integrar a Comissão Permanente do Secretariado Nacional, núcleo duro da ala conhecida como “guterrista”. O caminho seguiu ascendente por mais uma década, até que, em 2004, atendeu a apelos e desistiu de disputar o comando do PS com José Sócrates, que em 2005 se tor-

naria primeiro-ministro. “Qual é a pressa?” tornou-se seu mantra.

E voltou a reger a carreira de Seguro em 2014, quando, já como secretário-geral, perdeu para António Costa, hoje presidente do Conselho Europeu, as eleições internas. Novamente, a chance de tornar-se chefe de governo escapou das mãos. Desta vez, porém, a retirada foi mais radical: afastou-se da vida partidária, retomou a cátedra e, como Augusto Matraga, personagem clássico de Guimarães Rosa, pôs-se a esperar sua vez e sua hora.

Ela chega, depois de uma década, no momento em que Portugal demonstra, com a votação consagrada, que escolhe a constância e a estabilidade para conter a marcha da extrema-direita, assentada na contestação aos “políticos de sempre”. O presidente eleito é o homem que ressurge em resposta à necessidade.

centro-direita chefiada por Montenegro, que governa em minoria. O sistema político nascido da Revolução dos Cravos, de 1974, adota um modelo semipresidencialista. Cabe ao premiê formar o governo

e administrar os assuntos internos do país — e até mesmo a política externa, na condução das relações com os demais países. Mas o presidente da República, além das funções de Estado protocolares,



A resposta que o povo português deu hoje é o seu compromisso com a liberdade, a democracia e o futuro do nosso país”

António José Seguro,
presidente eleito de Portugal

tem peso político especialmente nas situações de crise: cabe a ele, no caso de um impasse, demitir o governo e, se julgar necessário, dissolver a Assembleia e convocar novas eleições.

É nesse cenário que André Ventura e o Basta traçam, agora, os planos para seguir em sua marcha ascendente, acelerada nos últimos anos pela conquista de espaços nas esferas locais e regionais de poder. Até a última hora, o candidato da ultradireita insistiu na defesa do adiamento geral das eleições, em razão das tempestades. A votação foi adiada, para o próximo

domingo, em alguns municípios do centro e sul do país, com um total de 37 mil eleitores — 0,3% do total nacional. “Acho que isso transformou alguns portugueses em cidadãos de segunda classe”, protestou Ventura na chegada ao local de votação.

Diante dos resultados, o líder do Basta exercitou uma atitude republicana, cumprimentou o vencedor e fez votos para uma presidência bem-sucedida. “Independentemente de termos sido adversários, o sucesso de António José Seguro à frente de Portugal será o sucesso de todos, e tive oportunidade de lhe transmitir isso mesmo”. Confiante na trajetória de sua legenda, Ventura chamou para si a liderança “de todo o campo não socialista”, invocando os resultados do primeiro turno — quando obteve 23,5%, contra os 31% do socialista, e superou os demais candidatos de centro e direita.

“Todo o sistema político, tanto de direita quanto de esquerda, uniu-se contra mim”, disse aos jornalistas à saída de uma missa, em Lisboa. “Mesmo assim, acredito que a liderança da direita portuguesa foi definida e consolidada hoje”, proclamou. “Espero liderar esse espaço político a partir de agora.”

JAPÃO

Kim Kyung-Hoon/AFP



Sanae Takaichi: vitória convincente e maioria esmagadora no Parlamento

Premiê pró-Trump arrasa nas urnas

Deu resultado ainda melhor que o esperado a aposta da premiê Sanae Takaichi na própria popularidade, quando decidiu antecipar as eleições legislativas após apenas quatro meses no cargo, à frente de uma maioria instável que derrubou seus quatro antecessores. Sua legenda, o Partido Liberal Democrata (PLD) conquistou sozinho mais da metade das 465 cadeiras da Câmara baixa do Parlamento, e deve formar uma base com dois terços dos deputados, em coalizão com o Partido da Inovação. Primeira mulher a governar o país, Takaichi é expoente da ala mais à direita do PLD, que domina a política japonesa no pós-Segunda Guerra Mundial. Primeira mulher a governar o país, e admiradora confessa da ex-premiê britânica Margaret Thatcher, ícone da maré conservadora dos anos 1980, ela ganhou na campanha o apoio entusiasmado do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Mais do que uma comemoração,

as primeiras palavras da premiê após a vitória impositiva foram para tranquilizar os mercados quanto à condução da política econômica. Durante a breve campanha de 16 dias, desde que convocou os eleitores às urnas, a líder do PLD escolheu como carro-chefe a promessa de suspender o imposto de 8% que incide sobre o consumo de alimentos. Antes, tinha lançado um pacote de US\$ 135 bilhões de incentivos destinados a mitigar os efeitos da inflação — preocupação número um dos japoneses, nos últimos anos.

Os juros pagos pelos títulos do governo, que se encontram em um patamar histórico, dispararam em resposta aos primeiros resultados parciais da eleição. A dívida pública corresponde hoje ao dobro do PIB japonês. Em resposta aos temores de investidores e às reservas manifestadas por analistas, Takaichi prometeu ontem ser fiel à austeridade. “Temos insistido constantemente na importância de uma

política fiscal responsável e proativa”, declarou na televisão. “Vamos construir uma economia forte e resiliente.”

A sintonia com o estado de ânimo dos japoneses ajuda a entender como o PLD obteve seu melhor resultado eleitoral desde 2017. “Com a alta dos preços, o que mais me importa é quais políticas serão adotadas para enfrentar a inflação”, declarou à agência de notícias France-Presse Chika Sakamoto, uma eleitora de 50 anos. Kazushige Cho, professor de 54 anos que desafiou a nevasca para dar seu voto à premiê, aposta nela para romper um ciclo de governos frágeis — o dela é o quinto em cinco anos. “Parece que ela está criando um senso de direção para o país”, disse à saída da seção eleitoral.

EUA e China

Takaichi fez questão, também, de agradecer “as palavras calorosas” de Donald Trump. A dois dias

da eleição, o presidente dos EUA manifestou seu “apoio absoluto” a “uma líder forte, poderosa e sábia”, e se disse “ansioso” para recebê-la em Washington, em março. “Estou ansiosa para visitar a Casa Branca e continuar nosso trabalho conjunto para fortalecer ainda mais a aliança Japão-EUA”, declarou. “Ela é construída sobre uma profunda confiança e uma cooperação estreita e forte, com potencial ilimitado.”

Determinada a engordar o orçamento para a defesa e aprofundar a política recente de fortalecimento do poder militar, a premiê tem outra coincidência fundamental com Trump na postura afirmativa diante da expansão da influência da China sobre a região. Duas semanas depois de assumir o cargo, em outubro, ela sugeriu que o Japão poderia intervir militarmente caso Pequim decida usar a força para reintegrar a ilha de Taiwan, que tem governo próprio desde 1949, mas é considerada pelo regime comunista uma “província rebelde”.